

Erivã Garcia Velasco*

TRAJETÓRIAS JUVENIS
EM BUSCA DO (PRIMEIRO) EMPREGO EM MATO GROSSO

Resumo: Este artigo situa-se num debate mais geral que reflete a questão da vulnerabilidade juvenil, expressa em condições de vida precárias, e a busca pelo emprego em Mato Grosso, tomando por referência trajetórias a partir da inserção de jovens em dois programas públicos federais executados em Mato Grosso no período 2000 a 2004, à época o Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano e o Serviço Civil Voluntário. Analisa o modo como os itinerários de jovens pobres em busca do primeiro emprego traduzem além da insustentabilidade programática um processo de ideologização, impondo limites teórico-políticos às políticas e programas que pretendem qualificar jovens para inserção ocupacional, visto que lhes restam no atual estágio de desenvolvimento capitalista empregos precários e destituídos de cobertura e garantias sociais, tendendo ainda a remeter ao próprio jovem a responsabilidade por encontrar saídas a uma condição e situação juvenil que tem raízes estruturais.

Palavras-chave: Juventudes, Trabalho, Trajetória.

Abstract: This article is part of a wider debate that reflects the issue of juvenile vulnerability, expressed in living conditions, and the search for jobs in Ontario, with reference trajectories from the insertion of young people in two federal programs implemented in Mato Grosso from 2000 to 2004, at the time the Young Agent of Social and Human Development and the Voluntary Civil Service. Examines how the itineraries of poor people seeking their first job beyond the unsustainability reflect a process of programmatic ideological, theoretical limits on political policies and programs intended to qualify people for finding a job because they have left the current stage of development capitalist precarious jobs and deprived of social security coverage and, still tending to refer the young people themselves the responsibility to find the exit condition and a situation that has juvenile structural roots.

Keywords: Youth, Work, Trajectory.

Considerações Iniciais

A (re) constituição de trajetórias coloca-se nesta reflexão como um desafio como o foi durante todo o percurso da pesquisa realizada por ocasião do doutoramento, cujo objeto, o

* Doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão, Professora do Curso de Serviço Social e do Programa de Pós Graduação em Política Social da UFMT.

estudo da qualificação profissional de jovens por intermédio de programas públicos governamentais desenvolvidos em Mato Grosso, foi perseguido numa tentativa de desvelar o sentido que estes (os programas) assumiram para os jovens que deles fizeram parte, buscando apreender em que medida e como eles afetaram suas trajetórias em busca de emprego.¹

A reconstrução das trajetórias dos jovens de Cuiabá e de Cáceres que aqui são apresentadas só foi possível a partir do que (re) contaram nas entrevistas. Recurso escolhido porque permitiu chegar a informações e adentrar por percepções nem sempre disponíveis sobre as inserções no mercado de trabalho, seja ele formal ou não, formas de subemprego e desemprego, assim como sobre o papel que a família e a escola tem tido na vida de jovens pobres.

As histórias aqui narradas guardam relação profícua com o hoje, são histórias simultâneas do tempo presente, ou se preferirmos *em processo*, o que guarda dificuldades próprias desse tipo de trabalho que procura apreender as situações que estão sendo vividas. Isso porque por mais que as narrativas retratem situações e condições de um tempo e lugar passado-próximos, estas não foram extirpadas da realidade de cada jovem que a conta, pelo contrário, muitas vezes foi possível perceber que a fala também guardava o significado de contar uma história ainda em ato. Desse modo, esta perspectiva acabou se distanciando de uma compreensão de juventude com uma natureza inscrita em provisoriedade, ou melhor, em transitoriedade, própria de uma compreensão e abordagem que toma juventude como um rito de passagem de uma fase da vida para outra. Compreensão que tende a enxergá-la sob enfoques do jovem-problema ou jovem-futuro.

Deste olhar para os jovens o pretendido foi captar as percepções e os sentidos que atribuem à própria vida, cujo foco central foi o trabalho, o itinerário pós-qualificação, sabendo de antemão que este núcleo não se desvincula de uma conformação que lhe dá o sentido de totalidade, guardando, por isso mesmo, estreita relação com as condições de vida, a escola, a família, e o modo como o próprio jovem foi revelando os fios de uma tessitura do cotidiano. É interessante anotar como o método permite ao pesquisador uma relação muito próxima com seu sujeito/objeto de pesquisa. Mesmo que muitas informações não sejam usadas na sistematização dos dados, e não foram, a compreensão do universo do pesquisador aumenta com o conhecimento da atuação de seus sujeitos. É como observa Marré: “É certamente um

¹ As reflexões deste artigo encontram sua origem na Tese defendida em agosto de 2007 no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão intitulada “Jovem e Qualificação Profissional: programas e trajetórias de jovens em busca do primeiro emprego em Mato Grosso”.

trabalho árduo: o próprio processo de construção do objeto científico implica a transformação de um conjunto de técnicas em teoria materializada”².

Bourdieu ao afirmar que não se pode compreender uma trajetória sem que se tenha estabelecido as etapas sucessivas do campo no qual esta trajetória teve lugar, traz uma contribuição teórica fundamental para a apreensão desta constituição uma vez que acreditávamos como indispensável compreender o conjunto de relações objetivas que marcam o contexto, pois uma trajetória de vida está marcada por uma sucessão de posições relacionada ao espaço social no qual ela se desenvolve. Neste sentido, os acontecimentos que marcam uma biografia se definem pelos deslocamentos no espaço social, como alega o autor, no que concordamos com sua crítica de que não se pode descontextualizar os relatos³.

O esforço analítico aqui empreendido foi para realizar, nos termos de uma direção teórico-metodológica sustentada em Bourdieu⁴, Certeau⁵, Chartier⁶ e Revel⁷, os deslocamentos necessários a uma interpretação de tal modo organizando e se referenciando nas narrativas, ao mesmo tempo em que estabelecendo a dinâmica da inserção dos relatos no contexto social. Nesta escala de compreensão do fenômeno não se trata, como lembra Jacques Revel, de uma diminuição do tamanho do objeto, mas de uma modificação em sua forma e estrutura, estudando sua multiplicidade de espaço e tempo e nas relações nas quais se inscreve, movimento este capaz de enriquecer a própria análise da realidade.

Neste aspecto, o estudo de uma trajetória só ganha sentido se estabelecida em relação às características da situação histórica vivida e datada. É esse movimento que permite, então, ao se autonomizar da individualidade de um único sujeito de certo modo construir um dado estatuto científico, não remetendo apenas a uma dimensão subjetiva descolada da própria complexidade da realidade. Uma complexidade que também se revela a partir da interação igualmente complexa entre o pesquisador e o narrador.

Por isso, os dados empíricos qualitativos requerem processos de interpretação, bem como pretendem revelar as conexões objetivas entre estruturas, para proceder a uma análise dos contextos de ação individual ou coletiva. É, portanto, uma atividade racional que busca

² MARRÉ, Jacques Leon. *História de Vida e Método Biográfico*. Cadernos de Sociologia. V.3, nº 3, 1991, p. 90.

³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

⁴ Idem.

⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994; CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

⁶ CHARTIER, Roger. Introdução geral e A história entre narrativa e conhecimento. In: *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Forense, 2002.

⁷ REVEL, Jacques. Microanálise e a construção do social, In: REVEL, J. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

investigar o indivíduo e o mundo em que ele vive. Além disso, ao contemplar a abordagem qualitativa para o objeto de investigação social, o pesquisador deve considerar que as pessoas envolvidas no processo de pesquisa são “[...] sujeitos de estudo, pessoas em determinada condição social, pertencentes a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados”⁸.

Assim, ainda que as generalizações sobre a condição juvenil brasileira já sejam esclarecedoras de sua situação de vulnerabilidade, parte-se de uma compreensão de que era preciso identificar essas juventudes num estado peculiar, de modo a não olhar para o fenômeno como algo auto-explicativo. Por isso mesmo, procurou-se identificar a partir dos jovens o quê e como fazem constituir as experiências de trabalho e vida, apreendendo suas próprias estratégias, situações específicas e condições de vida e trabalho no espaço social, ao mesmo tempo em que produzem e reproduzem este mesmo espaço.

Pensar isso em termos da juventude foi uma referência teórica fundamental porque provocou a necessidade de distanciar-se de descrições objetivistas, sem negar, contudo, sua relevância, apenas tendo o cuidado de não tomá-las como por si só verdades absolutas, correndo o risco da própria naturalização da história. Daí o interesse e a escolha por ouvir jovens mato-grossenses que experenciam a própria condição juvenil, com enfoque privilegiado na qualificação profissional e busca de emprego, resultando em procedimento de entrevistas, cujos relatos orais receberam um tratamento teórico-metodológico capaz de problematizá-los a fim de não serem tomados como automaticamente representativos do real, mas igualmente exigentes de um rigor crítico, do mesmo modo que se utilizam outras fontes documentais.

Cenários e Sujeitos

É abismal a situação do jovem e o mundo do trabalho, de tal modo que às juventudes pobres parece cada vez mais distante a possibilidade de ascensão e mobilidade social pelo trabalho, uma tradicional porta de entrada. Recrudescendo a pobreza, o analfabetismo e suas derivações, a violência e a criminalização da juventude, o panorama que se tem é profundamente adverso impondo desafios extremos para a superação desta situação juvenil brasileira.

⁸ MINAYO, M. C. S. Pesquisa Social. *Teoria, método e criatividade*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 22.

Ao focar este estudo para a realidade mato-grossense tem-se, apesar de seu desenvolvimento competentemente medido através de indicadores econômicos, uma deterioração das possibilidades de inserção ocupacional, das condições de renda das famílias, fazendo restar muito pouco ao jovem, podendo-se projetar a partir daí uma espécie de caleidoscópio dessa sociedade, dada sua fragmentação, como bem sintetiza Sennett:

Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva do tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego. [...] o capitalismo de curto prazo corrói o caráter dele, sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável⁹.

Diante disso como se fazer sujeito neste cenário, espaço e tempo, atual?

São dois os cenários que se desenham na vida dos jovens aqui apresentados. Dois se considerarmos apenas o recorte mais geral a partir das cidades onde foram encontrados¹⁰. Mas podem, conforme se verificou, nascer a partir deste espaço-tempo da(s) cidade(s) outros recortes que diferenciam regiões, bairros e até ruas, dependendo de sua localização. Cuiabá e Cáceres, a *Cidade Verde* e a *Princesinha do Paraguai*, respectivamente, por razões históricas dois pseudônimos pelos quais são conhecidas¹¹, podem ser tomadas como exemplificação da diversidade em Mato Grosso.

Cuiabá, a capital, guarda ares de uma *metrópole nascente*, emprestando aqui o termo utilizado por Madureira *et al*, em razão do que reúne em termos de seu crescimento populacional, de infra-estrutura urbana e diversidade cultural, própria de uma cidade que recebeu migrantes de toda parte do Brasil, superando o isolamento geográfico que foi um componente determinante do modo de vida em Cuiabá e nas principais cidades do então Mato Grosso até meados do Século XX. O processo de transformação urbana da cidade, que passou a receber grande fluxo migratório, em decorrência dos projetos oficiais e particulares de

⁹ SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. As conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 27.

¹⁰ A escolha das duas cidades mato-grossenses - Cuiabá e Cáceres - aconteceu por duas razões inter-relacionadas: em razão da representatividade dos programas Serviço Civil Voluntário (SCV) e Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, pois ambos foram executados nos dois municípios e, uma segunda razão, por se constituírem em realidades que de algum modo retratam uma diferenciação em termos de sua constituição e organização política, econômica e cultural. Isso implica em que estas duas cidades dão mostras de características distintivas capazes de dar um esboço da diferença em Mato Grosso.

¹¹ Cuiabá, *cidade verde*, relativo à presença significativa de arborização. O rio Paraguai serpenteia a cidade de Cáceres que é também o portal do pantanal mato-grossense, com ecossistema composto por Cerrado, Floresta Amazônica de transição e Pantanal, conferindo um atrativo para o turismo.

colonização, que resultou na expansão e ocupação da fronteira agrícola na Amazônia brasileira, fez revelar, então, a metrópole nascente¹².

Costuma-se dizer aqui que os que vieram de fora não apenas foram incorporados à *cuiabandade* mas fizeram desta uma fusão, ou caldeirão, de valores e hábitos culturais, característica própria da penetração na região de fronteira.

Essa população vem com suas características próprias e traz consigo sua cultura, suas práticas profissionais, suas aspirações, suas ambições, que vão imprimir sua marca naquele espaço novo e, até um certo ponto, estranho para eles; não significa que ela venha simplesmente reproduzir na fronteira os seus comportamentos da sua área de origem. Ela se incorpora a seu novo meio social ao mesmo tempo em que ela o modifica, o transforma; ela o violenta ao mesmo tempo em que o fecunda¹³.

Contudo, foi nesse mesmo movimento que a cidade, na concepção da pesquisadora Marinetti Covezi, embora nascida planejada sofreu inchaço provocado por áreas de exploração do garimpo e em consequência de uma série de condições próprias da região, da concentração de terras à crônica falta de emprego, sofrendo com problemas urbanos típicos de cidades metropolitanas¹⁴.

Este é um processo que está acontecendo mesmo em pequenas localidades mato-grossenses, em que há uma invisibilidade dos bairros pobres em relação às instâncias políticas e sociais de poder local, que as empurram para um processo de favelização similar ao das grandes cidades. Ainda que a pesquisadora afirme que isso acaba por legar quase uma mesma feição às cidades, cuja característica é a falta de planejamento e de políticas públicas mais abrangentes, capazes de conciliar progresso econômico e preservação ambiental com o cuidado e atenção aos direitos de cidadania de sua população mais pobre, não se pode deixar de considerar que embora o avanço da urbanização seja real, como também atestam as estatísticas, esse processo se diversifica num mesmo território, como é o caso de Mato Grosso e mesmo numa cidade, conformando regiões que se diferenciam seja pelo peso que têm na economia local, seja pelo que oferecem em termos de bem-estar e de oportunidades à sua população. É nesse sentido que há estudos que mostram como a migração antes tomada como uma alternativa para a mobilidade social, tem se transformado em alternativa para a sobrevivência. Disso decorre que ainda existem emigrantes potenciais, “o que não existem são

¹² MADUREIRA, Elizabeth *et al.* *Cuiabá – De vila a metrópole nascente*. Álbum histórico-fotográfico. Secretaria de Administração de Estado, Arquivo Público de Mato Grosso, 2006.

¹³ HÉBETTE, Jean; MOREIRA, Edma Silva. *Situação social das áreas rurais amazônicas*. Disponível em <www.fundaj.gov.br/docs/text/jean.doc>. Acesso em: 23/04/2006. s/d, p. 3.

¹⁴ Apud JORGE, Wanda. *Notícias do Brasil*. Periferia e favelização avançam nas grandes cidades da América Latina. *Ciência e Cultura*, vol. 57, nº 2. São Paulo Apr./June 2005.

alternativas sociais e econômicas que façam do seu deslocamento no espaço um motivo, pelo menos, de esperança”¹⁵.

Com mais de 500.000 pessoas (569.350 em 2006), o crescimento populacional de Cuiabá chegou a ser, nos anos de 1970 e 1980 superior a 3% ao ano, portanto, maior à média histórica brasileira (em torno de 2,5% ao ano). Atualmente é 2,70% ao ano, com densidade demográfica de 160,91 habitantes por km²¹⁶.

Em termos de atividades econômicas a cidade tem se concentrado em estabelecimentos de prestação de serviços, seguido de varejistas, atacadistas e industriais em menor proporção. Apresenta sérios problemas, para além da inexistência de diagnósticos para o planejamento das ações públicas, confirmados por ocasião da discussão do Plano Diretor em 2006, com relação não apenas ao déficit habitacional como relativos à regularização fundiária, habitações em áreas de preservação permanente, de proteção ambiental e de risco, indefinição quanto às áreas públicas e urbanização, degradação ambiental, abandono, dispersão e inoperância de equipamentos sociais comunitários, dentre outros. Problemas cujos efeitos sobre a população juvenil aparecem identificados como drogadição, violência, gravidez na adolescência, exploração sexual, ociosidade¹⁷. Cuiabá guarda, assim, fortes relações com o processo de segmentação sócio-territorial em curso, que separa classes e grupos sociais, mas que revela, paradoxalmente, espaços de integração virtuosa vivendo, simultaneamente, a experiência da segregação, desencadeando processos de reprodução da desigualdade e da pobreza.

Cáceres, ao contrário de Cuiabá, apesar de estar no rol de uma das maiores cidades do estado conserva características de uma cidade interiorana. Com população estimada de 90.391 em 2006 está situada a sudoeste do estado de Mato Grosso, na margem esquerda do rio Paraguai. Já foi considerada dentre as cidades de Mato Grosso, até as primeiras décadas do Século XX, como uma das mais importantes, em razão da importância comercial, especializada na exportação de produtos extrativistas e na criação e aproveitamento do gado bovino¹⁸. Hoje, o município tem na pecuária e na agricultura suas principais fontes geradoras

¹⁵ BRITO, Fausto. *O deslocamento da população brasileira para as metrópoles*. Estudos Avançados, vol. 20 nº 57. São Paulo May/Aug 2006.

¹⁶ INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO URBANO (IPDU). Prefeitura Municipal de Cuiabá. Súmula de Informações Município de Cuiabá. Cuiabá, abril de 2006.

¹⁷ Plano Diretor Participativo. Grupo de trabalho 2. Questão ambiental; Grupo de trabalho 3. Questões Fundiária e Habitacional; Grupo de Trabalho 5. Desenvolvimento Social. Prefeitura Municipal de Cuiabá. Cuiabá, abril de 2006.

¹⁸ ARRUDA, Adson de. *Imprensa, vida urbana e fronteira: a cidade de Cáceres nas primeiras décadas do século XX (1900-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.

de renda com potencial na área de serviços no setor de saúde e educação e o turismo como a grande alternativa.

Não se pode deixar de destacar que Cáceres em função de fazer fronteira com a Bolívia tem constantemente reatualizado o mito da ‘terra sem lei’, ‘espaço perigoso’, uma condição que levou homens e mulheres ‘anônimos’, em movimentos e em confrontos, dotando esse território de especificidades e dinâmicas próprias¹⁹. Este discurso, que muitas vezes ainda se impõe, faz-se sentir por parte da sociedade local e da juventude que o toma como referência de verdade, se impondo de modo natural, em vez de ser tomado como produto das relações sociais desenvolvidas na cidade que, em última análise, acabam por definir e delinear a paisagem urbana, a imagem da cidade.

Foram vários os personagens-sujeitos juvenis aos quais se conseguiu chegar por meio de entrevistas²⁰. Nem todas as histórias e trajetórias contadas estão aqui narradas, de modo que escolhas foram feitas e apenas algumas estão mais delineadas. São jovens entre 18 e 23 anos, distando em média três anos do programa em que se inseriram, seja o Serviço Civil Voluntário ou o Agente Jovem. Em sua maioria são moradores de bairros periféricos, ainda vivendo com a família, sendo que três já constituíram a própria família. Em termos ocupacionais a metade está desenvolvendo algum tipo de trabalho, sendo que, dado o grau de instabilidade e precariedade, é significativo o fato de a maior parte estar procurando outro tipo de trabalho. Com relação à escolaridade, cinco jovens estão com o Ensino Médio concluído, sendo que outra parte está cursando, alguns ainda em séries do ensino fundamental, portanto, apresentando distorções idade-série, sem contar aqueles que não estão estudando. Apenas uma jovem entrevistada está na universidade.

Separar estas histórias em tópicos foi apenas um recurso organizativo e narrativo, pois são histórias que se interpenetram, assim como não obedecem rigorosamente o recorte subtemático proposto. Não apenas porque alguns são jovens que se conhecem, seja por causa dos programas, seja pela proximidade do local de moradia, seja pelo vínculo afetivo construído, mas também porque compõem histórias e trajetórias de vida que mesmo na

¹⁹ ARRUDA, A. de. Op. Cit.

²⁰ Os nomes aqui referidos são reais. Neste aspecto, Bourdieu lembra que o sujeito ao confiar ao pesquisador sua existência, esta relação que se estabelece também deve estar resguardada pelas próprias exigências que o método científico impõe, de tal maneira que na realização de entrevistas, alerta, um contrato de confiança se estabelece cabendo ao pesquisador munir-se de mecanismos de proteção e, igualmente, de cuidados éticos. Foi nessa direção, então, concordando com as preocupações do autor, que se valeu de um documento denominado Consentimento Informado em que o jovem tomava conhecimento e autorizava de próprio punho o uso da entrevista para o trabalho; embora mais tipicamente utilizado no campo da saúde foi adotado no sentido de garantir transparência e eticidade ao processo de pesquisa.

singularidade e na diferença guardam similitudes - ou vice versa - que ora se revelam, ora se distanciam.

O lugar de onde se fala – o lugar de moradia

“Eu amo o meu bairro”
- *Pedra 90* – lugar de *classes perigosas*?

Em uma espécie de sociologia urbana do bairro é possível elencar características que o definem formalmente como um bairro periférico: a distribuição do espaço, a arquitetura, o fluxo de deslocamentos, o que pode gerar uma discursividade indefinida, nos termos de Pierre Mayol, com sua matéria objetiva, as suas imposições e disposições, mais as relações que de modo decisivo moldam a noção de bairro, que pode se anunciar nos comportamentos, no vestuário, nos códigos de (não) convivência, enfim relações sociais inscritas nesse ambiente-espaço. O bairro é, então, esta parcela conhecida do espaço urbano onde o sujeito se sente positiva ou negativamente reconhecido²¹. Estas são indicações preciosas que serviram para encher o olhar sobre estes jovens e suas trajetórias.

A primeira impressão que se tem do Bairro Pedra 90, em Cuiabá, antes mesmo de chegar lá, é que ele foi instituído com a firme convicção de empurrar as “classes perigosas” para mais longe, para espaços distantes, de baixo valor imobiliário, sem infra-estrutura necessária, definindo o espaço dos pobres e dos ricos. Uma segunda percepção, agora chegando nas suas imediações, é que ele é auto-suficiente dado o burburinho e movimento da rua central repleta de comércio e gente circulando. Lembra o centro de uma cidade. Nesta rua principal, por onde circula o ônibus coletivo, concentram os bares, as lojas de confecções, calçados, móveis e eletrodomésticos, papelarias, cerca de 50 empreendimentos, micros e pequenos. É onde está também a Praça, o Centro Comunitário, o centro de Múltiplo Uso, a maior escola pública. Além de lugar de comércio e negócios propriamente dito, são pontos referenciais de encontro, de troca, de informação, de espaço de lazer.

Entretanto, alguns espaços do bairro são também tidos como perigosos. Dividido em três etapas, foi comum a referência dos jovens ao fato de que em eventos organizados em uma etapa os jovens de outra não freqüentarem, em razão dos conflitos que geram manifestação de violência. Do mesmo modo, estas etapas se distinguem pelo nível de urbanização e acesso a bens e equipamentos públicos como água, luz, proximidade às entidades e organismos

²¹MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de *et al.* *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

oficiais. Por isso, é visível a condição de pobreza das famílias residentes especialmente da terceira etapa, fazendo-se com que também se introjete no imaginário uma visão de lugar mais perigoso, construindo hierarquias e oposições na comunidade. Observa-se, portanto, que não são desníveis apenas colocados pelo urbanismo, mas são, sobretudo, sociais.

Há de certo modo no Brasil uma espécie de consenso de que a violência associada à criminalidade especialmente em grandes centros urbanos seja um dos grandes desafios a serem enfrentados no país. Dados de 2005 deram origem ao índice de vitimização juvenil por homicídios que significa a relação entre a taxa de óbitos por homicídio da população jovem (15 a 24 anos) e as taxas correspondentes ao restante da população, significando que quanto maior for o índice maior é a concentração de homicídios na população jovem. Se for mais próximo de zero, significa que os homicídios atingem por igual tanto a juventude como as outras faixas da população (0 a 14 anos e de 25 ou mais anos). Mato Grosso ficou com um índice de 55,2% e Cuiabá com 206,1% quase quadruplicando o índice do restante da população.

Esse quadro é, pois, revelador de uma vulnerabilidade que não pode ser, contudo, associada direta e mecanicamente à pobreza, embora não possa deixar de reconhecer nas assimetrias sociais relações com a violência que faz com que o cenário seja profundamente potencializador dela.

Quando se trata de juventudes pobres tem sido parte do senso comum um entendimento de que os jovens são "agentes portadores da violência", de tal maneira que mais que vítimas, são tratados como seus próprios causadores. Neste aspecto, a violência policial é uma face do problema que precisa também ser observada, pois não é incomum esta prática contra jovens nos bairros da periferia da cidade, que mostra como o ofício de polícia em Mato Grosso ainda tem fortes raízes no passado, como assegura Costa, de modo que diante das dificuldades em arbitrar os conflitos e combater a criminalidade “[...] As formas e as práticas de controle social têm resultado em violência policial e no desrespeito aos direitos humanos”²².

Violência e lazer foram dois aspectos que os jovens se referiram ao seu local de moradia: É comum ter no imaginário social a imagem de bairros violentos. Um imaginário reforçado, inclusive, pelo modo como a própria mídia lida com as informações sobre os números e formas de violência. Os jovens se manifestam afirmando que gostam do bairro onde moram e não têm grandes pretensões em sair dele. Por muitas vezes se percebeu que o

²² COSTA, Naldson Ramos da. *Ofício de Polícia, Violência Policial e Luta por Cidadania em Mato Grosso*. São Paulo em Perspectiva, 18(1), 2004, p. 112.

lugar de moradia, o bairro, propicia uma sensação de pertencimento maior até do que a própria cidade, como se colocam alguns jovens:

Eu pouco saio daqui, só quando tenho mesmo que encontrar alguma coisa...aqui tem tudo. (Evanildes)

Só saímos daqui para pagar contas [...] assim mesmo porque fechou o banco e o correio, senão.... (Aline)

Eu adoro...tem muita gente que fala mal...tem violência...mas não é só aqui, em todos os bairros é assim.(Regiane)

[...] Hoje ainda tem violência, brigas, mas nem tanto mortes...mas não é tão ruim como dizem...é estranho quando aparece que seu bairro é o mais violento...(Cláudio)

Mas mesmo este reconhecimento vem, contudo, também permeado por incerteza.

Eu gosto, mas quero sair daqui, ir mais para o centro, onde eu posso achar emprego melhor, o bairro não oferece muita coisa (Charles).

Para trabalhar tem que sair daqui, mas para divertir tem alguma coisa...os bares....os amigos...as festinhas [...] às vezes a gente não faz nada, só fica conversando mesmo, na rua...eu gosto...mas tem que sair...(Aline)

Autores que estudam a relação com a cidade observam que o reconhecimento e a identificação com o espaço em que se vive, a interação com esse local, pode servir de motivação para a organização coletiva e a demanda por melhorias, reforçando a cidadania, o que não elimina, contudo, as tensões humanas que estão sempre presentes nos palcos das cidades. “[...] O bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública”²³.

Não foram muitos os jovens encontrados que refazem itinerários em busca de lazer. Aliás, esta atitude quando objetivada vem sempre acompanhada de certo receio porque o lugar de moradia, o bairro, é também um lugar que atesta uma origem. Por isso, a violência é um tema inescapável porque passa a estruturar também o cotidiano dos jovens, demarcando espaços, selecionando horários apropriados e forjando atitudes e comportamentos defensivos que visam diminuir os riscos e que redundam em práticas de retraimento e individualização. Isso vale para o bairro e para outros lugares da cidade.

Mas afinal, o que faz do bairro, esse espaço de sociabilidade, também de circuito da violência? Espaços de lazer estruturados são raros nos bairros, quase sempre viabilizados pelos jovens, especialmente os homens, como a organização de um campinho de futebol, ou a frequência a bares que são bastante comuns. Por isso, não há como não destacar uma praça inaugurada há apenas 3 meses num bairro que tem 20 anos desde a sua fundação, espaço que

²³ MAYOL, P. Op. Cit., p. 44.

reúne todo mundo, família, amigos...onde vem todos, até de outros setores e bairros, assegura Cláudio.

Observa-se que bairros com população mais pauperizada, a maior parte deles, são mundos onde o Estado tem chegado com muito vagar. Ao passo que outros, com aparelhos e projetos públicos estatais mais ou menos estruturados, acabam dando um tom diferente ao próprio processo organizativo das comunidades. Bairros mais estruturados contam inclusive com organismos não-estatais desenvolvendo projetos, mas que, resguardada sua importância, não têm grau de impacto capaz de reverter os processos excludentes a que estão submetidas as juventudes pobres.

Mas esta fronteira entre inclusão/processos excludentes é muito tênue, pois num mesmo bairro foi possível observar diferenças substanciais, que vão desde o acesso à energia elétrica, à água, ao transporte coletivo, à existência de equipamentos sociais, existindo setores inteiros visivelmente mais pauperizados. Assim, um setor/bairro mais próximo dos símbolos da urbanização – comércio, bancos e com eles toda a infra-estrutura que a acompanha (transporte, água, luz, asfalto, bares, lojas) – faz aparecer o binômio *centro-perifera* como em oposição. Percebe-se, contudo, afastando desta referência que toma os de *cá* e os de *lá*, uma proximidade/distanciamento que embora simbolicamente forte mantém os contrários coexistindo.

Escolaridade: trabalho e escola são projetos opostos?

Cláudio tem 21 anos, é filho de pai pedreiro e mãe dona de casa que, por volta dos sessenta anos de idade, abrigam numa casa de três cômodos além do próprio Cláudio mais três filhos. Migrantes por duas vezes no próprio interior mato-grossense, precisamente em razão do garimpo, seus pais tem apenas o antigo quarto ano primário e o pai trabalha bem *fazendo as contas* necessárias. Cláudio não está estudando; ainda em meados do ano parou porque na escola mais próxima não havia a 5ª série no período noturno que para ele é melhor porque havia arrumado um trabalho: ajudante de pedreiro, seu pai. Desistiu da escola por três vezes, sempre o mesmo motivo, segundo ele, que o leva a parar: algum trabalho que surge e não pode dispensar. Cláudio parece fazer parte daquela estatística escolar em que as repetências acumulam-se, acumulando desvantagens e desigualdades. Cláudio procura emprego? Como? *Fico sabendo e vou lá... às vezes eles fazem entrevista...agora mesmo estou esperando uma resposta de onde meu irmão trabalha, uma fábrica de blocos de cimento.*

Mas Cláudio, para além da estatística, é um jovem que decidiu que precisa estudar [...] *ou não conseguirá nenhum outro tipo de emprego*, o que o faz ter razão, pois dados da PNAD 2005 mostram que quanto maior o grau de escolaridade maior a possibilidade de o jovem cuiabano conseguir uma vaga no mercado de trabalho. A taxa de emprego é a partir da 8ª série completa até superior incompleto mais de 50%, chegando a quase 60% para quem tem curso superior completo.

Sposito *et al*, tomando por referência estudos e autores constituindo um *estado do conhecimento* sobre escola e juventude, revelam que a escola indica, para os jovens trabalhadores-estudantes, a possibilidade de ascensão social, significando, então, permanecer a crença nela enquanto meio de mobilidade entre os mais jovens²⁴. Embora constatando que os jovens têm expectativas menos claras que os adultos em relação à escola e que as atuais mudanças no mercado de trabalho parecem estar dificultando a mobilidade social por meio da posse do conhecimento escolar, eles permanecem acreditando na ascensão social através da escola, ainda que muitas vezes criticando a própria escola. Amizade, afetividade e sociabilidade são como alternativas subjetivas para permanência e sobrevivência nesse espaço.

Na concepção de estudantes trabalhadores, tomando também os dados do SAEB de 2004, a estrutura escolar nem sempre está adequada ao seu contexto de vida, cuja implicação no desempenho daqueles que trabalham é bem inferior ao dos que não trabalham. A diferença na matemática, por exemplo, é próxima aos 21 pontos, sendo maior no Centro-Oeste e Sudeste, sendo que em Língua Portuguesa, essa diferença é de 23 pontos, maior também em ambas as regiões. O que o próprio relatório revela é que mais do que uma diferença numérica, isso significa, em muitos casos, uma rápida transição do estágio *intermediário* para *crítico*, que pode vir a ser o caso de Mato Grosso.

É interessante notar, o que tem sido apontado em alguns estudos²⁵, que a transição escola-trabalho encontra-se hoje mediada pelas dinâmicas sociais em que se vive. Nesse aspecto, ao contrário do que se pensava de que a entrada do jovem se daria inicialmente com vínculos menos frágeis para depois se alcançar um primeiro vínculo, mais duradouro e estável, o primeiro emprego, típico do padrão de inserção ocupacional até a década de 1980, o

²⁴ SPOSITO, M. P. (Org.); ABRAMO, H. (Org.); FREITAS, M. V. (Org.). *Juventude em debate*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Volume 1)

²⁵ POCHMANN, Márcio. *A batalha pelo primeiro emprego*. As perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho. São Paulo: Publisher Brasil, 2000; SPOSITO, M. P. Indagações sobre as relações juventude e a escola no Brasil. Institucionalização tradicional e novos significados. In: *Jovens Revista de estudos sobre juventud*, ano 9, n. 22. México, DF, janeiro-junho 2005.

que se nota é a instalação na transitoriedade, instabilidade e fragilidade. Por isso a inserção no mercado de trabalho não mais ocorre após a saída do sistema escolar, pelo contrário, na maior parte das vezes colocam-se como projetos opostos, dada as condições em que isto ocorre, mas que parecem ser, na realidade, concomitantes e não excludentes, superpostos, ainda que se observem as condições precárias em que isto vem ocorrendo, tanto na escola como no trabalho.

Messias, 22 anos, um dos jovens do SCV, marcou o encontro na Universidade Federal de Mato Grosso porque freqüentava um espaço onde já havia realizado curso preparatório para o vestibular. Afirma: *Ainda não terminei os estudos por causa desses trabalhos que arrumo que acabam empatando o horário de chegar na escola. [...] faço cursos pra ver se consigo entrar no mercado de trabalho o mais rápido possível para não ficar desempregado.*

Suas passagens pela UFMT o fizeram descobrir o cursinho básico de matemática ofertado pelos próprios alunos sob a forma de curso de extensão.

É na parte da tarde,...o ensino público é fraco...por mais que o aluno tem que se esforçar sempre precisa de aula...é questão de qualidade do ensino...joga a matéria e você se vira...em vez de dar uma base. Os professores ensinam...mas o ensino está totalmente desestruturado.[...] Com tudo que tenho feito, eu descobri a leitura, hoje tenho prazer de ler. [...] A gente não pode ter só o nosso ponto de vista.

Sobressaíram, assim, nas falas dos jovens referências relativas à escola e trabalho, sobretudo a falta de oportunidades uma vez que nem sempre as escolas dos bairros oferecem o ensino médio, ou a série que o jovem ainda precisa cumprir, assim como as oportunidades de trabalho são escassas. A procura de um outro itinerário acaba por atestar a vontade e a impulsão por um trabalho capaz de oferecer um salário melhor, mas também um conteúdo mais interessante. Nesse sentido, fugir do tradicional *trabalho pesado*, que é o que tem restado a estes jovens é uma meta clara para alguns; para os homens fugir do trabalho braçal, para as mulheres do trabalho como empregadas domésticas.

Escola e trabalho parecem, pois, dois pontos de um mesmo movimento, em que para o jovem funciona como estímulo-mútuo: estando na escola também se precisa do trabalho, no trabalho percebe-se a necessidade do estudo/formação. É como se ambos se auto-reforçassem num elo, contudo, que precisa ser apreendido também sem desconsiderar a posição e os recursos familiares no sistema de estratificação social.

Disso depreende-se que, e não se pode deixar de anotar, que para além de possíveis homogeneidades encontradas entre estes jovens, foi possível perceber que dependendo da condição socioeconômica e cultural e da experiência vivida, o jovem acaba indicando sentidos

diferentes, que, portanto, se distinguem se ele estiver empregado/desempregado, o tipo de trabalho, se tiver maior/menor escolaridade e rendimento, com ou sem laços familiares, entre outros pontos que podem enunciar alguns diferenciais. Este é um campo de pesquisa aberto.

Repertórios e movimentos em busca de emprego

Fazendo uma analogia com o espaço cênico, já que está se falando de cenários e personagens, uma movimentação neste espaço compõe-se de entradas e saídas, posições em relação aos outros personagens, aos elementos do cenário podendo representar os mais variados sentidos e significados. Neste sentido, uma movimentação tanto cria a unidade de um texto, de uma realidade, como organiza e relaciona as seqüências no espaço cênico. No caso das juventudes apreendidas neste trabalho não se pode tomá-las como vivendo um tempo estritamente diferente de outrora. Tem-se asseverado que os jovens dos quais está se falando são jovens pobres, de famílias pauperizadas ao longo de uma vida. De tal maneira que:

Para os mais jovens, as circunstâncias atuais do mercado de trabalho não significam uma degradação de condições melhores ou mais promissoras em outros tempos. Eles entraram num mundo já revirado, em que o trabalho precário e o desemprego já compõem um estado de coisas com o qual têm que lidar, e estruturam o solo de uma experiência em tudo diferente da geração anterior.²⁶

Não se pode, contudo, desconsiderar as mudanças societárias que, inclusive, fizeram constituir uma condição e situação juvenil diferente; que, na esfera do trabalho, fez mudar a estrutura ocupacional juvenil.

[...] Por outro lado, entram na vida adulta em uma cidade inimaginável para as gerações anteriores. Ponto e contraponto de uma mesma realidade, os capitais globalizados transbordam as muito ricas e modernas fortalezas globais dos serviços de ponta, e fazem expandir os circuitos do consumo de bens materiais e simbólicos que atingem os mercados populares.²⁷

A trajetória em busca de emprego dos jovens entrevistados está em pleno processo, ou seja, significa que esta transição, enquanto tal, não está fechada. Embora boa parte dos jovens esteja hoje ocupada, é significativa a passagem por experiências transitórias, transcorridos em média três anos após terem se inserido nos programas de preparação para trabalho e qualificação profissional investigados.

²⁶ TELLES, Vera. *Mutações do trabalho e experiência urbana*. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, 2006, p. 176.

²⁷ Idem, p. 176.

Na busca por emprego destaca-se o próprio caráter ideológico em que resulta da responsabilidade individual de cada jovem o sucesso e/ou fracasso nessa procura no mercado de trabalho. Tem sido considerado natural que uns consigam e outros não, seja por razões como falta de esforço, desinteresse, falta de ambição, uma vez que as oportunidades são para todos; alguns se sobressairão, outros não. Nesse aspecto é importante denotar aquilo que Chauí chama, à luz do pensamento marxista, de construção de “imagens invertidas” da realidade, na medida em que o trabalhador não se reconhecendo no produto de seu trabalho fica alienado e a ideologia tem o papel numa sociedade dividida em classes de dissimular a presença da luta de classes, negar a desigualdade, ou seja, passar a idéia de que a desigualdade existe, porém, é natural. Assim, distorcendo os fatos não admite contradições²⁸.

Dentre todos, Messias manifestou preocupação destacando, sobretudo, ao falar da relação escolaridade-qualificação-trabalho, o preconceito na busca por emprego.

Meu ponto de vista da questão social a gente vê que sabe que precisa ser discutida porque muitas vezes a pessoa [o empregador] dá o trabalho para quem ele acha que tem que dar, ela vê a pessoa pela aparência e não vê a capacidade da pessoa. Então isso gera um grande racismo social das pessoas que realmente precisa ela não quer saber se tem qualificação, se é bem formada[...] esse ponto precisa ser também discutido [...] Isso pra mim é ignorância.[...] se fosse branquinho, de olho verde, cabelos cacheados...(Messias)

Depois da turma do SCV de 2002, Messias já fez outras qualificações: [...] *fiz o primeiro emprego no SENAI, secretariado e auxiliar administrativo também...participei da V Conferência da Assistência Social [...] estou querendo fazer ciências sociais [...]*. Nesse aspecto, sente-se qualificado para os empregos que tem buscado. O último currículo entregou numa rede de supermercados, deixando claro que poderia assumir qualquer função.

É como Thiago que aos 18 anos já fez curso de montagem e manutenção de microcomputador, informática básica, vendas, fauna e flora numa escola agrotécnica, apicultura, primeiros socorros. Segundo ele, desde quando terminou o curso do SCV não parou de procurar trabalho, costuma dar intervalos de uma semana para retomar a procura com um colega da mesma idade.

Essa situação, contudo, não pode ser generalizada, pois a pesquisa INAF 2005 revelou que em 2005, havia 44% de pessoas entre 15 a 64 anos que nunca tinham feito um curso, 4% estavam fazendo um curso no momento da pesquisa, 12% tinha feito no último ano e 37% tinham feito há mais de um ano. Dos que estavam fazendo curso ou que fez no último

²⁸ CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia*. O discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1981.

ano, a pesquisa revela que os cursos de informática continuam sendo os mais procurados com 26% das referências, o segundo lugar fica com os cursos de idiomas (8%). Chega-se a resultados que mostram também que as pessoas com nível mais alto de alfabetização são as que mais fazem esses cursos, assim como se revelou que mais da metade (52%) são os próprios entrevistados ou a sua família que cobre os custos do curso, tendo havido ainda uma queda de oferta de cursos gratuitos, com 26%, 22% e 21% nos anos respectivos da análise, 2001, 2003, 2005²⁹.

Uma outra trajetória, a de Regiane, ganhou lugar no estudo porque mostra a adversidade que ela enfrenta aos 21 anos. Filha de um primeiro casamento, aos oito anos já estava, ela e o irmão mais novo, com uma nova família constituída por seu pai com mais três filhos do primeiro casamento da nova companheira, Vanda. Com cinco crianças o casal recém constituído se muda para um cômodo num bairro também recém-instalado onde vivem a treze anos.

O padrão de vida familiar de Regiane se destaca porque se distingue da maior parte das famílias de seu bairro. Mora em uma casa com oito cômodos, com quartos distintos para os meninos e as meninas. Dos filhos membros da família, todos jovens entre 16 e 22 anos, apenas Regiane não está trabalhando atualmente. Suas duas experiências foram como vendedora em uma loja e como professora em uma escola particular por dois anos, ambos sem carteira assinada, embora neste último tenha, afirma, “recebido todos os seus direitos”.

Recentemente entregou currículo em vários lugares, no bairro e fora dele. Para ela o maior problema na busca por emprego é o problema que tem no olho. Regiane não se auto-denomina deficiente visual, embora pouco enxergue com o olho esquerdo, lesado em razão de uma queda aos cinco anos de idade. Já passou por cinco cirurgias e usa uma prótese de silicone. Vanda, chamada por ela carinhosamente de “tia”, acredita que ela deveria reconhecer-se deficiente porque inclusive isso poderia facilitar sua entrada no mercado de trabalho, considerando que existem vagas específicas e, portanto, há gente, supõe, ocupando a dela. Entretanto, nem ela nem o pai reconhecem essa condição e Regiane demonstra certo desconforto com seu problema, em particular nos momentos de procurar emprego.

O último emprego buscado foi na rede *McDonald's*, lugar onde um irmão de 23 anos também trabalha. Relata que entregou todos os documentos e, inclusive, abriu a conta

²⁹INDICADOR NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL (INAF). 5º Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. Um diagnóstico para a inclusão social pela educação. [Avaliação de Leitura e Escrita]. Instituto Paulo Montenegro. IBOPE Opinião e Ação Educativa. São Paulo, 08 de setembro de 2005.

bancária que solicitaram. No entanto, os papéis não voltaram de São Paulo autorizando a contratação.

Sobre as dificuldades e obstáculos que encontram, além do preconceito já desvelado por Messias e Regiane, Thiago revela:

Acho que o SINE não arruma emprego pra ninguém não...eu vou lá e até agora não apareceu nada. Sempre querem pessoas com experiência mas não oferecem oportunidade para ter, então nunca vai ter experiência. Quando tem um [emprego] que você quer precisa de curso e quando não precisa de curso exige a experiência. (Thiago)

Quando indagados sobre a experiência do estágio propiciado pelos programas de qualificação profissional investigados são enfáticos em acrescentar que poucos foram satisfatórios. Evanildes, por exemplo, quando relata que seu estágio de secretária executiva, área da habilidade específica do curso, foi em uma gráfica organizando papéis, sequer faz hoje referência porque não acredita que isso vá lhe acrescentar algo no currículo. Por outro lado, Regiane sente-se mais satisfeita por ter feito estágio por dois meses na área de estudo. Mas, em geral, os estágios ocorreram distante da habilidade específica além de terem se realizado com carga horária muito reduzida o que, inclusive, lhes destituíram de qualquer valor e reconhecimento formal.

Ocupações Precárias: o parâmetro de emprego possível

Valdenice, uma jovem de 19 anos, de Cáceres, passou pelo Agente Jovem há três anos. A família - pai, mãe e três filhos - mora em um bairro onde adquiririam um lote, ainda sem escritura, numa casa com três cômodos: sala, cozinha e banheiro. Atualmente apenas o pai está trabalhando e um dos filhos, o de 15 anos que acompanha o pai como ajudante de pedreiro em obras esporádicas. Os pais de Valdenice têm, ambos, 54 anos; uma paranaense e um boliviano. Ela estuda a noite, porque, segundo conta, assim como Cláudio, *quando aparece um trabalho fica mais fácil*. Desde a época em que fez o curso tem trabalhado apenas durante a limpeza da teca³⁰ numa fazenda experimental da EMPAER, duas vezes ao ano. É um trabalho temporário, sem contrato, pago por produtividade. Tem sido força-de-trabalho cativa junto a outros inúmeros jovens desempregados. A cada mil mudas limpas recebe R\$

³⁰ Espécie florestal de origem asiática e de alto valor comercial, cujo principal produto é a madeira, introduzida na região do município de Cáceres-MT em razão de condições climáticas semelhantes às dos países de origem da espécie.

200,00; mais de mil mudas recebe mais R\$ 2,00 por muda; no final do período todo pode chegar a R\$ 300,00 num trabalho que se faz, às vezes, em torno de uma semana.

Conta que com a bolsa que recebia do programa comprava roupa. As contas mensais da família, cuja água está cortada porque tem seis meses de atraso, acabam não sendo pagas em dia porque seu pai ganha em média apenas um salário mínimo por mês. Lembra que a única experiência após ter passado pelo programa, foi por três semanas como empregada doméstica. Sonha em ser policial, no que a mãe imediatamente manifesta: *sonha meio alto, não é?...sonha alto mas não acontece...* Há um ano namora um rapaz da mesma idade que estuda o segundo ano do ensino médio à noite. Também está fazendo testes para entrada no serviço militar, cuja opção é em razão do salário. Ele também faz o trabalho temporário na teca.

Valdenice depois do Agente Jovem chegou a ir para Rondônia para trabalhar como babá, mas ficou apenas um mês não conseguindo se adaptar. Esporadicamente sai do próprio bairro, apenas para lazer em cachoeiras e rios, ou em caso de festas da cidade. Lembra, especialmente, das aulas de violão e das aulas de computação, e assegura que nunca mais usou daqueles conhecimentos, a não ser uma única vez na escola quando digitou um trabalho. Não está no momento procurando trabalho, quer dizer, *não está indo atrás*, inclusive porque para isso precisaria de dinheiro para sair do próprio bairro. Em sendo assim, no que mais pensa no momento é estudar, mas se aparecer alguma coisa ela aceita.

Ex-Agente Jovem de Cáceres Aline tem 18 anos e é filha de Ivonete que têm mais três filhas: uma de 19 anos, casada, e duas com 12 e 15 anos, que moram com ela e o marido e são integrantes do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Há apenas um mês Aline está casada, grávida, morando em um cômodo vizinho ao da mãe do marido de 24 anos.

Aline está matriculada no período noturno no segundo ano do ensino médio em uma escola distante de seu bairro mais de dez quilômetros. Mas ainda não conseguiu frequentar porque é perigoso; está vendo uma forma de ir com outras colegas de bicicleta. No que se refere a trabalho, relata sua experiência como vendedora no período de natal, depois de babá e atualmente como empregada doméstica. Mas revela: [...] *Eu queria mesmo trabalhar num serviço interessante, de carteira assinada [...] eu quero fazer um curso de informática. Nós fizemos no Agente Jovem de manutenção e operador de micro, eu gostei, então quero fazer técnico de informática. Do que aprendeu no curso afirma às vezes fazer uso: [...] a gente vai lá na cyber e consulta...nos trabalhos não usei [...].* O marido está trabalhando com registro em carteira e recebendo um salário mínimo por mês. Ele, que já terminou o ensino médio a dois anos, pretende fazer faculdade de biologia.

Adriana aos 21 anos é mãe de um menino de dois anos e está grávida de três meses. Embora separada há quase dois anos, dentre os encontros com o parceiro uma nova gravidez ocorreu. É falante e transborda uma energia que parece contagiar a casa onde mora com mais dois irmãos, um de 12 anos e uma jovem de 16 anos que naquela semana havia decidido morar com o namorado de 17 anos, na mesma casa.

Revivendo sua história conta que quando estava no Agente Jovem viveu uma situação difícil porque saíram de casa com a mãe e irmãos para um barraco no mesmo bairro porque o pai maltratava sua mãe. Naquela época ela e uma outra irmã faziam parte do projeto e era com a bolsa que ajudaram no sustento da família quando o pai teve uma parada cardíaca e morreu, tendo elas retornado a casa. A mãe hoje trabalha num município próximo porque se casou novamente. A irmã, companheira de projeto em 2002 e hoje com 23 anos, tem dois filhos e está em Mato Grosso do Sul vivendo, segundo conta, “de favor” em uma casa, acompanhando a situação do marido detido por porte de drogas. Seu relato informa que ela está passando fome, mas prefere ficar próxima ao companheiro.

Antes mesmo de completar um ano de projeto Adriana o deixou em busca de emprego. *Não tinha como... eu precisava trabalhar e tentar ganhar mais que a bolsa, por isso quando apareceu a oportunidade eu deixei o projeto.* Assim, a trajetória de Adriana, parecendo singular, acaba por ensaiar uma síntese de toda esta contemporânea experiência juvenil em busca do primeiro emprego:

Trabalhei durante um ano e três meses em uma casa [**empregada doméstica**]. Tinha 16 anos...a idade de um filho dela. Saí porque ela disse que não daria mais a passagem e eu teria que tirar do meu bolso [...] O dinheiro eu dava para minha mãe pagar o aluguel e pagava o meu fogão porque eu estava noiva...não sobrava mais nada.[...]

Arrumei outro trabalho [como **empregada doméstica**] ... e quando descobri que estava grávida do meu menino ela [a patroa] me mandou embora. Depois que tive o menino parei para cuidar dele... separei um ano e onze meses depois.

A patroa de minha mãe disse de alguém que estava precisando para fazer farofa de alho [**cozinhar** para entregar em restaurantes], **lavar e passar**, de segunda a sábado. Fiquei um mês trabalhando...um dia ela gritou comigo, pegou forte no meu braço [...] não voltei mais.

Depois comecei a trabalhar como **vendedora** [numa loja de roupas] e como o movimento estava fraco me mandaram embora. Um dia alguém me disse que lá na Lixeira [bairro] estava precisando de alguém pra trabalhar com **telemarketing**. Chegava às sete e saía às treze horas, sem almoço. [...] Lá só fiquei uma semana. Aí entrei na **gráfica** e fiquei lá por quatro meses[...] pagavam o salário mínimo e acertaram tudo.

Agora estou numa **empresa de limpeza** [terceirizada] ...já estava há quatro meses com carteira assinada [...] então me mandaram embora...expliquei que estava grávida...eles me pediram o exame e me recontrataram...Agora comecei tudo de novo. Entro às 7:00 h, mas o ônibus passa aqui às 5:20 h, eu vou e fico esperando. Saio às 16:00 h...de segunda a sábado.

Alena, 23 anos, participou do Serviço Civil Voluntário de Cáceres e mora atualmente em Cuiabá cursando a faculdade de direito. Tem consciência, quando lembra de sua turma, que poucos conseguiram estar onde hoje ela se encontra. A mãe, professora do ensino público está em vias de se aposentar; o pai é pequeno comerciante. Tem mais uma irmã, de 18 anos, que apenas está estudando. Moram em casa própria e a renda familiar sempre foi suficiente para mantê-los em condições de vida dignas. Nunca teve uma experiência de trabalho, tendo sido incentivada pelos pais a dedicar-se aos estudos. Hoje, morando na capital, faz estágio remunerado e consegue sobreviver com o seu trabalho, apesar de sentir dificuldades e saudade da família.

Mas, para além de Alena, hoje uma estudante universitária, pesquisa em Sposito *et al* demonstra que a maioria dos alunos exerce trabalhos rotineiros e repetitivos que adquirem um sentido dotado de ambigüidades: fonte de autonomia pessoal e de opressão. Evidencia que a maior parte dos jovens está ocupada no comércio, serviços ou em outras atividades de baixo prestígio social e que as transformações no mundo do trabalho os têm atingido de maneira desfavorável³¹.

Coerente com isso, pesquisa realizada com alunos do ensino médio em uma escola pública de Cáceres já revelava que de 45 jovens entrevistados a metade estava trabalhando, a maioria destes tinha responsabilidades na própria casa e outros trabalhavam como babá, ajudante de pedreiro e empregada doméstica. A renda familiar estava entre um e três salários mínimos mensais³².

Ao apontarem o modo como os jovens atribuem significado ao universo do trabalho, com base em alguns estudos, afirmam Sposito *et al* mais uma vez que isto está relacionado ao universo sócio-cultural e econômico do jovem, mas também ao seu próprio momento de vida. Revelam que entre os homens e excluídos o trabalho é visto enquanto dever/necessidade e não enquanto fonte de realização pessoal; entre os demais a ênfase recai nos aspectos instrumentais, de tal maneira que o trabalho deixa de ser o valor central passando a ser, cada vez mais, contemplado em seus aspectos instrumentais. Por isso revelam, a partir da literatura pesquisada, que entre os jovens há muito mais desencanto que esperança de mudança futura,

³¹ SPOSITO, M. *et al*, 2000.

³² HACK; Cássia ; PIRES, Giovani de L. *Lazer e Mídia em Culturas Juvenis: uma abordagem da vida cotidiana*. Portal da Educação Física, Esporte e Saúde, 2005.

seja no trabalho, seja na escola³³. Mas, mesmo assim, estes jovens conseguem elevar a sociabilidade, a amizade e a afetividade como alternativas subjetivas para sobrevivência nesses espaços. Ainda que apontem a baixa qualidade de ensino e o caráter repetitivo do trabalho os jovens também consideram esses espaços importantes *locus* de sociabilidade. Entretanto, é vendida a idéia de que existe um elenco de oportunidades. Negociando, pois com a adversidade, que pode ser compreendida como a expressão do desamparo público, os jovens vão buscando outro desfecho. É possível pensar nesses jovens como trabalhadores empreendedores e protagonistas conforme o discurso que marca os pressupostos teórico-filosóficos dos projetos dos quais fizeram parte? Foi, sobretudo, nas falas de Messias e Thiago que apareceram de modo claro referências ao aspecto do *empreendedorismo* como alternativa ao desemprego juvenil.

Durante todo o tempo depois de 2004, já fiz outros cursos e nunca parei de procurar emprego [...] Acho que o jeito vai ser montar nosso próprio negócio... nós [ele e um amigo] estamos pensando nisso. Acho que é melhor, montar uma coisa que dê para trabalhar e empregar os outros... alguma coisa. [...] O curso que fiz para o primeiro emprego falou de empreendedorismo. (Thiago)

[...] Também gostaria de montar minha própria empresa e dar palestras... empresa de prestação de serviços, dar cursos preparatório para as pessoas...para depois caminharem sozinhas (Messias)

Observa-se como são falas genéricas, destituídas de conhecimento e domínio necessários para se desenvolver atividades autônomas, no que resulta em numa enorme barreira para estes jovens transpor. Do mesmo modo, se verifica como noções se desenvolvem e vão sendo introjetadas, conceitos que se vinculam a certo desmonte da qualificação profissional vinculada ao posto do trabalho, típica de uma racionalidade anterior, passando a ser localizada no sujeito através da exigência de um conjunto de atributos úteis para este novo momento da produção capitalista, revestindo-se assim de profunda ideologização.

Assim aquela suposta transitoriedade do tempo vivido pelos jovens parece não estar referida à sua condição biológica. O que se eleva neste olhar reflete muito mais uma provisoriade relativa às condições materiais e profissionais de sua existência, o que muitas vezes, entre uma narrativa e outra, pareceu mostrar que o controle efetivo de sua vida é antes de tudo social. Esperando uma *amanhã melhor* correm atrás do hoje, pois, como afirma Bauman lembrando as recomendações para uma vida à beira da *redundância*, “O futuro está além de seu alcance [...], de modo que você deve parar de ficar olhando para o pote de ouro

³³ SPOSITO, M. *et al*, 2000. Op cit

no fim do arco-íris [...]. De modo que trate de aproveitar o máximo os intervalos entre as viagens às pilhas de lixo”³⁴.

Considerações Finais

Diante da dificuldade para ter assegurada alguma continuidade e duração, na busca pelo emprego, manifesta nas entregas diárias de currículos e nas entrevistas, os jovens deparam-se com possibilidades e esperanças, muitas vezes veiculadas em excesso, que se dissolvem no teste de realidade. Nas palavras de Bauman, nesta vida e cultura líquido-moderna, onde se manter em movimento é mais importante que o destino, os ideais, pode-se entender o futuro, torna-se “[...] Um sonho noturno que quase se dissipa à luz do dia”³⁵.

Em face dessa dura realidade, pode-se produzir frustração e perda de motivação. Daí considerar que esses jovens não são nem vítimas, nem problemas, pois as desigualdades sociais que experimentam tem raízes históricas que se perpetuam, pois “[...] herdaram um projeto de sociedade que sequer pretendeu ser igualitário e fazem-se atores em conflito com os valores de uma sociedade que os exclui”³⁶. O raciocínio de Martins parece-nos ainda mais preciso quando afirma que os jovens, ainda que se referindo, sobretudo, aqueles das periferias dos grandes centros urbanos, crescem em um contexto de *novas desigualdades*, com acesso a um conjunto de bens e direitos, mas uma inserção pela metade, precária e provisória³⁷.

Deste modo, as experiências e trajetórias vividas pelos jovens entrevistados se articulam ao quadro da vulnerabilidade social, e suas múltiplas faces, denotando questões outras insuficientemente aqui tratadas, como questões relacionadas a gênero, sexualidade, raça/cor, dentre outros recortes possíveis de serem apreendidos em suas singularidades. As diferenças de recursos familiares adquiridos ao longo da vida, associadas à ausência e/ou fragilidade dos suportes sociais, possibilita construir um esquema explicativo das vulnerabilidades que marcam as possibilidades de inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Foram encontradas nos relatos regularidades ligadas aos dispositivos associados ao novo discurso da responsabilidade individual de cada um em *correr atrás*, em acionar sua capacidade de enfrentar o mercado de trabalho, inculcações que realmente acabam por

³⁴ BAUMAN, Z. Op. cit, p. 132.

³⁵ Idem, p. 144.

³⁶ MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: SPOSITO, M. P. e PERALVA, A. T. *Juventude e contemporaneidade*. Número Especial. Revista Brasileira de Educação. ANPED, 1997, p. 10.

³⁷ MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

agenciar a subjetividade dos jovens. Um discurso que constrói uma espécie de *eu ideal* em torno de um indivíduo onipotente e capaz de enfrentar sozinho a reestruturação organizacional e tecnológica associada às transformações do capitalismo. Um ideal que poderá redundar em insegurança e desesperança. Da mesma forma o lema do *aprender a aprender*, característico nos programas de preparação para o trabalho e qualificação profissional voltados para jovens, especialmente jovens pobres, acaba por sintetizar um ideário que se direciona para um processo de adaptação das pessoas às exigências que o setor produtivo está fazendo a partir da chamada revolução microeletrônica, mas que esconde na verdade a falência do modelo produtivo que tem sua mais gritante explicitação na miséria a que grande maioria das pessoas está exposta e aos alarmantes níveis de desemprego.

Nesse sentido, as trajetórias juvenis aqui narradas apontam processos que participam de fenômenos sociais mais amplos, conforme já se assinalou, advertindo como os deslocamentos dos indivíduos pelo espaço social não são aleatórios, orientados pela sorte ou pelo azar, mas obedece a forças que estruturam esse espaço, a eventos coletivos relacionados a estrutura social mais ampla. Por isso trajetória como uma narrativa que encerra uma experiência coletiva. Nessa direção é que Chartier, referindo-se à Bourdieu, adverte quanto ao aspecto da ilusão biográfica ou autobiográfica, quando se pensa que “as coisas são muito originais, singulares, pessoais, quando são, na verdade, freqüentemente, experiências coletivas, compartilhadas com as pessoas pertencentes a uma mesma geração”³⁸.

Pensando em fazer dos jovens indivíduos criativos e conscientes, os pressupostos presentes nestas experiências de qualificação profissional de jovens parecem, dada a própria precariedade e insustentabilidade programática, não se confundir com busca de transformações na realidade social, com superação radical da sociedade capitalista, mas criatividade em termos de capacidade de encontrar novas formas de ação que, em última análise, apenas permitem melhor adaptação aos ditames do processo de produção e reprodução do capital. Isto parece bem encontrar Bauman que se referindo ao pensamento de Ulrich Beck assevera: “[...] agora se espera dos indivíduos que procurem soluções biográficas para contradições sistêmicas”³⁹.

³⁸“Conversa com Roger Chartier”. Entrevista concedida a Isabel Lustosa, 16/09/2004. Disponível em <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>> Acesso em: 03/02/2005.

³⁹ BAUMAN, Z. Op Cit., p. 67.

Referências

- ARRUDA, Adson de. *Imprensa, vida urbana e fronteira: a cidade de Cáceres nas primeiras décadas do século XX (1900-1930)*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 183-191.
- BRITO, Fausto. *O deslocamento da população brasileira para as metrópoles*. Estudos Avançados, vol.20 n° .57. São Paulo May/Aug 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994
_____. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. Introdução geral e A história entre narrativa e conhecimento. In: *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Forense, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia. O discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1981.
- COSTA, Naldson Ramos da. *Ofício de Polícia, Violência Policial e Luta por Cidadania em Mato Grosso*. São Paulo em Perspectiva, 18(1), p. 111-118, 2004.
- HACK; Cássia ; PIRES, Giovani de L. *Lazer e Mídia em Culturas Juvenis: uma abordagem da vida cotidiana*. Portal da Educação Física, Esporte e Saúde, 2005.
- HÉBETTE, Jean; MOREIRA, Edma Silva. *Situação social das áreas rurais amazônicas*. Disponível em <www.fundaj.gov.br/docs/text/jean.doc>. Acesso em: 23/04/2006. s/d.
- INDICADOR NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL (INAF). 5º Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. Um diagnóstico para a inclusão social pela educação. [Avaliação de Leitura e Escrita]. Instituto Paulo Montenegro. IBOPE Opinião e Ação Educativa. São Paulo, 08 de setembro de 2005.
- INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO URBANO (IPDU). Prefeitura Municipal de Cuiabá. Súmula de Informações Município de Cuiabá. Cuiabá, abril de 2006.
- JORGE, Wanda. *Notícias do Brasil. Periferia e favelização avançam nas grandes cidades da América Latina*. Ciência e Cultura, vol.57, nº 2. São Paulo Apr./June 2005.
- MADUREIRA, Elizabeth et al. *Cuiabá – De vila a metrópole nascente*. Álbum histórico-fotográfico. Secretaria de Administração de Estado, Arquivo Público de Mato Grosso, 2006.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MARRÉ, Jacques Leon. *História de Vida e Método Biográfico*. Cadernos de Sociologia. V.3, nº3, p.55-88.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de *et al.* *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p.37-45.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: SPOSITO, M. P. e PERALVA, A. T. *Juventude e contemporaneidade*. Número Especial. Revista Brasileira de Educação. ANPED, 1997.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

POCHMANN, Márcio. *A batalha pelo primeiro emprego*. As perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

REVEL, Jacques. Microanálise e a construção do social, In: REVEL, J. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SPOSITO, M. P. (Org.); ABRAMO, H. (Org.); FREITAS, M. V. (Org.). *Juventude em debate*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Volume 1).

SPOSITO, M. P. Indagações sobre as relações juventude e a escola no Brasil. Institucionalização tradicional e novos significados. In: *Jovens Revista de estudos sobre juventud*, ano 9, n. 22. México, DF, janeiro-junho 2005, p. 201-227.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. As conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

TELLES, Vera. *Mutações do trabalho e experiência urbana*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 1, 2006, pp. 173-195.